Diário de bordo

FRUTAS PARA O MUNDO



Roberto Rodrigues*

O MAIOR poder aquisitivo de populações do mundo todo, especialmente dos países emergentes, sugere um grande potencial para o aumento de consumo de frutas *in natura*. Trata-se de um mercado que tem a ver com prazer: a beleza do colorido das frutas, seu aroma adocicado e típico que chega a marcar fases da vida, a doçura do paladar – são muitos os elementos medidos pelos sentidos; até mesmo o manuseio dos produtos: quem não gosta de pegar uma maçã, um cacho de uva, uma tangerina?

Somos o terceiro maior produtor mundial de frutas, atrás apenas da China e da Índia. Em 2012, último ano com dados oficiais, produzimos 42 milhões de toneladas. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) calcula que o volume, em 2013 e 2014, superou 43 milhões de toneladas.

Uma curiosa informação: temos mais de 500 variedades de plantas frutíferas, das quais quase a metade é de nativas da Amazônia. No entanto, apenas cinco frutas – banana, laranjas, maçã, abacaxi e uva – representam 67,4% do mercado, em volume. A fruticultura ocupa, hoje, 2,3 milhões de hectares de terra, e boa parte desta área está em pequenas e médias propriedades rurais.

O Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF) calcula que essa nobre atividade emprega 5,6 milhões de pessoas direta ou indiretamente.

Outro dado curioso: mais de 90% das frutas produzidas em todo o mundo são consumidos nos países de origem. Em 2012, apenas 74 milhões de toneladas (9,5% do total produzido) foram exportados para todos os mercados.

E isso representa, sem dúvida, uma grande oportunidade para nós. Com a impressionante variedade de frutas aqui produzidas, podemos conquistar mercados tanto para as mais consumidas, como em nichos especiais.

O Brasil já vem crescendo, mas ainda podemos avançar muito mais.

Nos últimos quinze anos, nossas exportações de frutas frescas aumentaram, em média, 6% ao ano em volume e 12,1% em valor. As mais exportadas foram melão, manga, banana, maçã, limão e lima.

Por outro lado, também vêm crescendo, embora muito menos (1% ao ano), nossas importações, principalmente de pera, maçã, uva, ameixa e kiwi, frutas cuja produção está aumentando internamente em todas as regiões.

Em termos globais, o consumo de frutas tropicais e exóticas está avançando mais do que o de frutas de clima temperado. Segundo o Rabobank, de 2013 a 2018, o mercado mundial de frutas deve crescer 4,6% ao ano em volume e bem mais do que isso em valor.

Os países cujas importações deverão aumentar mais estão na área da Ásia/Pacífico, como China, Hong Kong, Índia, Japão, Malásia, Indonésia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Coreia do Sul, Taiwan e Vietnã. Aliás, vale lembrar que, em 2004, assinamos um acordo sanitário com o Japão para poder exportar para lá mangas Kent e Tommy Atkins, depois de mais de vinte anos de esforços do nosso lado...

Para conquistar estes mercados, é fundamental estabelecer acordos comercias e fitossanitários com eles. Mais uma vez, fica clara a importância do papel do Governo nesse assunto. Não temos nenhum acordo de livre comércio que favoreça a exportação de frutas frescas. Pior: em janeiro de 2014, perdemos os benefícios do Sistema Geral de Preferências da União Europeia (SGP-UE), encarecendo nossas exportações de frutas. Em 2013, a Europa importou 79% das frutas que vendemos, e isso mostra o prejuízo da perda do SGP-UE. Não podia acontecer!

A falta de protocolos sanitários impede-nos de alcançar os países asiáticos referidos e mais Estados Unidos e Colômbia, entre outros. Esse mercado vale US$ 4,3 bilhões anuais, e podemos perfeitamente abocanhar boa parte disso. Todos os nossos concorrentes já têm acordos de livre comércio com estes países-alvo, dificultando nossa entrada.

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) vem trabalhando nisso ao lado do IBRAF, e não podemos esmorecer nessa missão: frutas são uma excelente alternativa de renda para a agricultura familiar, para pequenos e médios produtores e podem, ainda, ocupar grandes espaços na agricultura orgânica. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)